

5 Conclusão

A intenção da pesquisa realizada nessa dissertação foi encontrar algumas respostas para a pergunta sobre como dois dos principais jornais americanos usaram o conceito de terrorismo, nas semanas seguintes aos atentados de 11 de setembro de 2001. Decidimos fazê-lo a partir de questionamentos de fundo de dois importantes debates acadêmicos sobre o terrorismo.

Temos clareza da natureza diferenciada entre as discussões acadêmicas e o jornalismo. São – e devem ser – espaços com modos de reflexão e de produção distintos. No entanto, há um ponto de encontro entre as duas formas de acessar a realidade, se pensamos os problemas do mundo real como socialmente construídos e a mídia como integrante desse processo de construção social. Sendo assim, em relação ao tema dessa dissertação, impõe-se à mídia um papel na construção social do conceito de terrorismo - independente da discussão conceitual não ser um assunto de interesse primordial para os meios de comunicação.

A investigação de associações de idéias nos textos jornalísticos entre o terrorismo e categorias delimitadas com base nas discussões teóricas apontou repetições de alguns elementos na cobertura dos jornais. Ao representar um padrão de associação de idéias, essas repetições podem indicar respostas para a pergunta inicial de pesquisa. Vamos procurar, então, relacionar os resultados encontrados com as questões que os motivaram. E para isso, comparar os resultados nos dois veículos de comunicação pesquisados – The New York Times e The Washington Post.

Em primeiro lugar, buscamos nos jornais a existência ou não de associações entre o terrorismo e idéias de motivações diretas e causas mais profundas do terrorismo. Encontramos uma frequência semelhante de associações entre essas idéias nos dois jornais pesquisados. Motivações diretas foram associadas ao terrorismo em aproximadamente 21 por cento do material pesquisado, no New York Times, e 28 por cento, no Washington Post. Já a idéia

da existência de uma causa mais ampla que esteja relacionada ao aparecimento do terrorismo foi igualmente associada ao terrorismo em apenas três reportagens em cada um dos jornais – cerca de três por cento do material pesquisado nos dois veículos.

Considerando o período analisado em bloco, podemos dizer que não há um padrão de repetição de associações forte entre o terrorismo e a idéia de motivações diretas. Na grande maioria das reportagens analisadas – 79 por cento no New York Times e 72 por cento no Post – não há qualquer referência a idéias de motivação direta. Em relação a causas mais amplas, é ainda menor a incidência de associações - praticamente irrelevante, considerando todo o período analisado.

Sendo assim, a discussão sobre justiça de causas, sejam as motivações diretas ou as causas mais amplas ligadas ao terrorismo, teve pouquíssima expressão na cobertura dos dois jornais naquele período. Como vimos, entre as associações entre o terrorismo e idéias de motivação direta, em apenas dois casos, no New York Times, é discutida a percepção de justiça das questões referidas como motivações diretas por alguma audiência maior do que os próprios terroristas. No Washington Post, isso ocorre em apenas um caso.

A análise das referências encontradas a idéias de causa e motivações também chama atenção para um dos possíveis aspectos relacionados a pouca incidência de tais referências nos jornais. Assim como no debate acadêmico, percebe-se a dificuldade de distinção entre o que são motivações diretas e o que são possíveis causas mais profundas do terrorismo. Um dos trechos que selecionamos como uma referência à idéia de causa mais profunda do terrorismo, por exemplo, expressa claramente essa controvérsia. Uma reportagem informou que diversas pessoas no Paquistão acreditavam que os Estados Unidos deveriam dividir a culpa com os terroristas pelos atentados de 11 de setembro, porque bin Laden seria uma criação da presença americana em solo saudita. Ao mesmo tempo em que esse trecho de texto se refere à identificação por um grupo e pelo próprio redator da reportagem de uma possível causa mais profunda do terrorismo – a presença de soldados americanos em um país islâmico, onde o anti-americanismo é um sentimento profundamente presente – também esse fato é uma das mais freqüentes referências nos textos a idéias de motivação direta da Al Qaeda.

No fragmento de texto que destacamos aqui, a idéia de que essa causa mais ampla possa ter alguma relevância para o entendimento e o combate ao terrorismo se mistura à idéia de justiça de uma motivação direta do terrorismo. Nesse caso, essa mistura entre categorias de motivação direta e causas mais profundas do terrorismo deu origem a uma desconfortável referência a possível culpa do país vitimado pelo atentado mais sanguinário da história.

Não pretendemos discutir no espaço dessa dissertação o papel que a dificuldade de distinção entre idéias de motivação direta e de causas mais amplas e sua relação com possíveis associações a idéias de justiça das causas ou motivações tem na pouca incidência de referências a idéias de motivação e causas do terrorismo nos textos dos jornais. A intenção dessa análise é apontar que o mesmo problema que alimenta debates acadêmicos sobre o tema aparece refletido nas referências de textos jornalísticos dos veículos analisados. Ao mesmo tempo, verificamos que os veículos utilizam poucas referências a essas idéias. Se esses dois aspectos identificados na cobertura têm alguma relação direta dentro do processo de produção dos textos jornalísticos é um ponto que pode ser explorado em análises futuras.

A segunda pergunta que serve de parâmetro para a análise dos textos jornalísticos dizia respeito à forma como os jornais se referiram à natureza do agente do terrorismo. Nesse ponto, encontramos também um padrão semelhante nos dois jornais pesquisados. Os jornais procuraram associar o terrorismo a idéias de categorias de natureza do agente em mais de 60 por cento do material pesquisado, o que indica um padrão de repetição de associação de idéias entre o terrorismo e algum tipo de agente. Predominaram nos dois jornais as mesmas categorias, com incidência de associações bastante próximas.

Pode-se dizer que no período analisado como um todo, o terrorismo esteve associado a agentes não-estatais e Estados financiadores do terrorismo em aproximadamente metade do material pesquisado, nos dois jornais, considerando associações aos dois tipos de agentes ao mesmo tempo ou individualmente.

Aqui cabe lembrar que o período que analisamos se situa entre os ataques terroristas e a resposta americana formulada em termos de uma guerra contra o terrorismo - iniciada com um ataque a um Estado acusado de proteger terroristas. A possível influência desses aspectos da política externa americana na forma como os jornais definiram a natureza do agente do terrorismo também pode ser

explorada em pesquisas posteriores. Cabe aqui identificar apenas que a cobertura dos jornais deu ênfase semelhante a associações entre o terrorismo e agentes não estatais exclusivamente e associações com agentes não estatais e Estados que apóiam o terrorismo, ao mesmo tempo.

Não tiveram representatividade as associações entre o terrorismo e Estados, no sentido do terrorismo ser praticado por um Estado. Podemos destacar aqui – assim como nos resultados sobre causas e motivações do terrorismo – uma pequena incidência de referências à idéia que aparece como um dos pontos mais controversos dos debates acadêmicos sobre a definição da natureza do agente do terrorismo, que é a existência ou não de terrorismo de Estado. A relevância de destacar esse fato não está diretamente associada à sugestão de qualquer influência entre a polêmica no debate acadêmico e a pouca incidência de referências nos textos acadêmicos. Consideramos, no entanto, que uma investigação sobre essas relações no processo de produção de reportagens jornalísticas pode ser investigada em trabalhos posteriores.

A terceira pergunta que levamos para a análise dos jornais procurou identificar como o modo de operação do terrorismo foi representado nos jornais, naquele período. Os resultados foram ligeiramente diferentes nos dois jornais, embora haja incidência representativa de referência a categorias de modo de operação nos dois veículos. No Washington Post encontramos um maior número de referências à idéia de uma ou mais categorias relativas ao modo de operação do terrorismo – 85 por cento do material pesquisado. No New York Times identificamos referências a essas categorias em 64 por cento das reportagens.

Pode-se dizer que identificamos um padrão de repetição de associações entre o terrorismo e idéia de violência direta – táticas, armas ou alvos, na grande maioria das reportagens analisadas. Se considerarmos as associações exclusivamente com a categoria de violência direta, há incidência em metade do material pesquisado no Post e pouco menos da metade no Times. Considerando também as reportagens em que encontramos associações, ao mesmo tempo, com as duas categorias, a incidência sobe para quase 80 por cento no Post e quase 60 por cento no Times.

A intenção do terrorismo de alterar a percepção de uma audiência pode ser identificada em referências de algumas reportagens, mas em bem menor incidência do que a idéia de violência direta. Da forma como as referências à

alteração da percepção aparecem – em grande maioria associadas à violência direta, como um efeito desta – o padrão que se estabelece é das referências ao medo e à insegurança como uma consequência da violência direta apenas. Em poucas referências a alteração da percepção de um público aparece como um fim em si do terrorismo.

Com relação às perguntas elaboradas a partir do debate sobre a existência de um novo terrorismo no meio acadêmico, não encontramos nos jornais um padrão representativo de associações semelhantes às identificadas no meio acadêmico. Encontramos referências à derrota dos soviéticos no Afeganistão como o início das operações da Al Qaeda ou como marco na trajetória de Osama bin Laden – em um caso no New York Times e quatro no Washington Post. Sobre a quinta pergunta, encontramos uma referência, em cada jornal, ao 11 de setembro como marco de aumento da letalidade do terrorismo para a escala da guerra associado ao aumento da capacidade de violência direta e de alteração da percepção do público. A incidência dessas associações não chega a estabelecer um padrão para a cobertura dos jornais, embora se possa dizer que a idéia de que existe algo novo no terrorismo apareceu, pelo menos uma vez no período analisado, com relações semelhantes entre cortes temporais e focos de descontinuidade que encontramos no debate acadêmico.

Ao relacionar os debates acadêmicos sobre o terrorismo e a forma como os jornais se referiram ao terrorismo no período analisado, percebemos que os pontos polêmicos das discussões sobre a definição de um conceito de terrorismo e a legitimidade do uso da força e a existência de um novo terrorismo foram pouco abordados pelas reportagens. Os elementos em torno dos quais há controvérsia apareceram com menos frequência nos textos, não chegando a estabelecer um padrão dentro da cobertura jornalística do período.

Nos dias seguintes ao 11 de setembro, até o início da guerra no Afeganistão, o terrorismo esteve muito mais associado a agentes não estatais e Estados financiadores do terrorismo, mas muito poucas referências foram feitas à existência ou não de terrorismo de Estado.

Da mesma forma, os dois jornais se referiram de modo muito semelhante à existência de motivações diretas ou causas mais amplas do terrorismo, não estabelecendo associações muito frequentes entre o terrorismo e possíveis causas. Pouco destaque foi dado a questões ligadas às causas do terrorismo de modo geral

e, em pouquíssimos casos, apareceram contradições sobre a percepção de alguma audiência de que existam causas justas envolvidas no terrorismo, seja em relação ao que chamamos de motivações diretas ou causas mais amplas.

No período analisado, o terrorismo também esteve muito mais associado a uma prática que usa violência direta – seqüestros de avião, explosões e almeja armas de destruição em massa – para atingir seus objetivos. O papel que a intenção de alterar a percepção do público tem na estratégia terrorista ficou em segundo plano na cobertura dos jornais.

O terrorismo no contexto dos atentados de 11 de setembro também não foi freqüentemente associado a questionamentos ou referências sobre a existência de transformações no padrão do terrorismo, com o surgimento de um novo terrorismo.

Para o leitor dos jornais naquele período, o terrorismo ficou fortemente associado a uma ação de grupos não estatais, com auxílio de Estados financiadores, que usa armas, táticas e alvos de violência direta para atingir seus objetivos. As motivações desses atos não foram definidas claramente no período, pelo estabelecimento de um padrão de associação de idéias. A identificação de características novas no terrorismo – seja com relação a motivações ou modos de operação – também não apareceu como um padrão freqüente.

O que essa análise e seus resultados despertam são muito mais questionamentos do que conclusões finais. O que pretendíamos com essa investigação, em primeiro lugar, era chamar atenção para os aspectos importantes da construção de um conceito de terrorismo que pudessem estar presentes nos textos dos jornais naquele período. Ao fim da pesquisa, percebemos que se mostra igualmente importante a reflexão futura sobre os aspectos que ficaram de fora da cobertura jornalística.

Um dos motivos pelos quais consideramos relevante o tema desta dissertação é a crença de que, cada vez mais, é preciso refletir sobre o papel dos meios de comunicação na construção de significados de questões ligadas à segurança, que tem consequências tanto para a forma com a sociedade reage aos problemas quanto para as políticas adotadas pelos governos para combatê-los. Consideramos que, cada vez mais, estas serão questões fundamentais para o estudo das relações internacionais e da segurança internacional.

Para a imprensa, a reflexão sobre esses temas impõe maior responsabilidade tanto sobre o que é dito - e como se diz – quanto a respeito do que não se diz. Conciliar tamanha responsabilidade com as exigências do processo de produção jornalístico deve ser um desafio diário da imprensa. Uma tarefa com desdobramentos cada vez mais complexos, em um mundo onde um mesmo evento é experimentado em tempo real, em todas as partes do globo, com toda a riqueza de detalhes trágicos, como ocorreu na manhã de terça-feira, 11 de setembro de 2001.